

## PARA UMA TAXONOMIA DE PARÁFRASES EXPLANATÓRIAS\*

Félix BUGUEÑO MIRANDA<sup>1</sup>

- RESUMO: A definição constitui um dos principais tipos de informações procuradas pelos usuários nos dicionários. Neste trabalho discutimos a natureza desse item informativo e propomos substituir a palavra “definição” por “paráfrase explanatória”, devido à complexa natureza das informações contidas na equação com o lema. A seguir, procuramos estabelecer uma taxonomia de classes de paráfrases explanatórias. Para gerar essa taxonomia, empregamos dois parâmetros básicos: a) a perspectiva do ato de comunicação (recepção *versus* produção) e b) a metalinguagem empregada. Além dos tipos de paráfrases obtidas por aplicação desses parâmetros, o trabalho apresenta também outros tipos de paráfrases comumente empregadas nos dicionários.
- PALAVRAS-CHAVE: Definição. Paráfrase. Metalinguagem.

### Introdução

A definição é, sem sombra de dúvida, um segmento informativo central em qualquer dicionário de orientação semasiológica. No entanto, a análise de muitos verbetes leva a pensar que, para que uma definição resulte suficientemente elucidativa, é necessário o cruzamento de três variáveis. Em primeiro lugar, é necessário optar por um tipo de paráfrase explanatória<sup>2</sup> segundo o que se almeje conceber como membro da equação em que, de um lado, está o signo-lema, e, de outro, um comentário sobre esse signo-lema. A formulação de uma taxonomia de definições permite justamente estabelecer uma correlação entre modelos parafrásticos e a(s) particularidade(s) da entidade que faz parte da equação antes mencionada. A segunda variável a ser considerada é o *pattern* sintático a ser escolhido, ou seja, o modelo de formulação sintagmática que ajuda a gerar paráfrases explanatórias<sup>3</sup>. Finalmente, a terceira variável é a adoção de uma teoria semântica que permita elencar determinados traços semânticos que são relevantes na formulação das paráfrases.

---

\* Kurt Baldinger (1919-2007) *in memoriam*.

<sup>1</sup> UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras- Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre – RS – Brasil. 91501-970 – felixv@uol.com.br

<sup>2</sup> Sobre o conceito de paráfrase explanatória, v. nota 4 do presente trabalho.

<sup>3</sup> V. os exemplos de *abacaxi* no presente trabalho para a importância de um *pattern* sintático.

No presente trabalho será abordada a primeira dessas variáveis.

Na literatura especializada, é recorrente a menção à definição como o segmento mais procurado pelo consultante (HAENSCH et al., 1982; JACKSON, 2002). No entanto, é possível constatar também que a abordagem teórica desse segmento é, até certo ponto, parcial, de modo que se dispõe de poucas informações sobre como gerar uma boa definição, ou, em termos mais gerais, sobre como determinar quando uma definição pode ser considerada satisfatória. Pode-se afirmar que a discussão metalexiconográfica em torno desse segmento da microestrutura aborda um dos seguintes aspectos: ou trata da metodologia para “ganhar conhecimento do conteúdo da paráfrase explanatória”<sup>4</sup>, ou seja, preocupa-se com uma teoria semântica como suporte teórico-metodológico que permite apreender a significação de uma palavra determinada (ALBRECHT, 1997; GEERAERTS, 2003), ou trata dos princípios da redação da mesma (MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995; BENEDUZI; BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2005). Há ainda uma terceira corrente que aborda essa problemática de uma perspectiva que poderíamos chamar de “taxonômica”, já que almeja criar uma tipologia de classes de definições, segundo diversos critérios (REY-DEBOVE, 1967; BOSQUE, 1982; SCHLAEFER, 2002). É sensível a falta, no entanto, de um estudo de conjunto que permita, pelo menos, abordar os seguintes problemas:

- a. Fornecer uma imagem de conjunto dos diversos tipos de paráfrases explanatórias, estabelecendo com precisão as seguintes questões:
  - a<sub>1</sub> tipo de paráfrase explanatória *versus* perspectiva do ato da comunicação;
  - a<sub>2</sub> tipo de paráfrase explanatória *versus* metalinguagem empregada.

Por outro lado, é surpreendente também a enorme variedade terminológica e as classificações heterogêneas que o conceito “definição” apresenta nas obras de referência metalinguísticas, isto é, os dicionários de linguística propriamente ditos. Ao realizar-se um levantamento em Knobloch (1986), Lewandowski (1979), Bußmann (2002), Ulrich (2002) e Glück (2005), constata-se que não há um único tipo de definição que apareça em todas as obras consultadas. Parece que, para os estudiosos, não são relevantes os critérios que permitem classificar tipos de definições divergentes que, aliás, cumprem tarefas bem específicas e que obedecem também a condições muito particulares em relação à função da obra

---

<sup>4</sup> Dada a multiplicidade de designações (com implicações metodológicas, às vezes) que termos como “definição” (Wiegand, 1989a, 1989b) ou “paráfrase” têm (svensén, 1993), empregamos a expressão “paráfrase explanatória”, entendida aqui como uma reescritura nem sempre correspondente ao *definiens* escolástico, já que assim conseguimos abranger também formas de reescritura tais como a *whole-sentence definition* de CcLD (2003).

lexicográfica e/ou em relação às necessidades ou condições do usuário (a definição ostensiva e a definição operacional são exemplos paradigmáticos das condições antes assinaladas).

É também notória a frequência com que se faz uma distinção entre “definição real” e “definição nominal”. Com relação a essa questão, destacamos dois aspectos. Em primeiro lugar, a apresentação dessa distinção sem explicitar de forma clara os critérios utilizados para a mesma é uma evidência contundente que justifica uma exposição mais detalhada da problemática que implica a elaboração de uma taxonomia. Em segundo lugar, é inquietantemente surpreendente constatar que há uma disparidade absoluta na concepção que as obras apresentam para esses dois tipos de definição, chegando a expor paráfrases absolutamente antitéticas para exatamente o mesmo referente. A seguir, apresenta-se um quadro sinóptico com as definições fornecidas pelos dicionários de linguística para “definição real” e “definição nominal”.

	Knobloch (1986)	Lewandowski (1979)	Bußmann (2002)	Ulrich (2002)	Glück (2005)
Definição nominal	“estabelecimento do significado de uma palavra”	“Designações para coisas/referentes”	“as definições nominais se refrem à designação de objetos e qualidades abstratas, ou seja, a nomes, conceitos ou expressões linguísticas”	(a definição apresentada em Ulrich (2002) é genérica e não estabelece a distinção proposta entre “definição nominal” e “definição real”)	“[sc. sua função é] explicar o conceito de uma coisa, independentemente se se faz uma asserção sobre a sua existência”
Definição real	“refere a um dado objeto mental, do qual se faz uma afirmação”	“definição de coisa”	“definição de um objeto ou de um conceito concreto por meio de um termo hiperônimo G (=genus proximum) e de qualidades específicas M (=differentia specifica)”		“deve conter uma afirmação sobre a possibilidade de uma coisa existir, ou seja, uma afirmação sobre a sua existência”

**Figura 1** – Quadro comparativo das definições de “definição nominal” e “definição real”

Embora a anulação conceitual seja clara em algumas das definições propostas, é evidente que, para uma taxonomia da definição, o critério subjacente a essa

distinção binária é de absoluta importância. Essa distinção é tratada ao longo deste presente trabalho. De fato, segundo Martín Mingorance (1994), tal distinção é de importância fundamental, por exemplo, para a onomasiologia, embora, evidentemente seja igualmente fundamental para a semasiologia<sup>5</sup>.

## As paráfrases explanatórias nos dicionários

Um olhar rápido em muitos dos verbetes dos G 4<sup>6</sup> (e, igualmente, de vários outros dicionários) permite constatar que um número significativo de definições são pouco compreensíveis para o consultante. Os problemas encontrados podem ser representados esquematicamente da seguinte forma<sup>7</sup>:

- a. Há paráfrases explanatórias excessivamente longas.
- b. Há paráfrases explanatórias que contêm muitas palavras de difícil compreensão. Pelo seu elevado número, dificilmente o consultante iria procurá-las no dicionário.
- c. Há paráfrases explanatórias que, embora não contenham palavras de difícil compreensão, também não são facilmente compreendidas pelo usuário.

Os verbetes *abacaxi*<sup>8</sup>, *parafrástico* (DRAE, 2001)<sup>9</sup>, *gomina* (PProb, 1993) e *paquetería* (DRAE, 2001) são um exemplo claro disso:

**Abacaxi** *Bras. Angol. Bot.* 1. Planta da família das bromeliáceas (*Ananas sativus*), cultivada ou selvagem, cuja parte comestível é infrutescência carnosa resultante do crescimento e da coalescência de todas as flores da inflorescência. Tanto a infrutescência como o caule encerram uma enzima proteolítica que pode ter o mesmo emprego que a papaína. [Sin. (bras.): ananá, ananás, ananaseiro, nanás, nanaseiro, abacaxi-branco, aberas.] 2. A infrutescência comestível do abacaxi; ananá, ananás, nanás. 3. Bras. Gír. Coisa trabalhosa, complicada, embrulhada, intrincada: Antes

---

<sup>5</sup> A esse respeito, confira Baldinger (1985, 1977).

<sup>6</sup> Tomamos a designação empregada por Welker (2004) para o conjunto formado por Mi (1998), Au (1999) e Hou (2001), acrescentando ainda DUPB (2002).

<sup>7</sup> Deixamos fora da discussão a veracidade ou falsidade do conteúdo proposicional das paráfrases explanatórias, embora esse também seja um problema que merece atenção especial (confira, por exemplo, a paráfrase explanatória para *parabrisas* em DRAE (2001, s.v.), onde é falso afirmar que o *parabrisas* seja um único vidro do carro).

<sup>8</sup> Para o caso de *abacaxi*, procuramos o verbete em mais de uma fonte, considerando o valor dessa entidade léxica (e extralinguística) na comunidade luso-brasileira.

<sup>9</sup> Seguindo a tendência da metalexiconografia europeia (Hartmann, 2001), as obras lexicográficas aparecem identificadas por siglas. As referências completas são apresentadas, da mesma forma, ao final do trabalho.

de viajar, teve vários abacaxis para resolver. 4. Bras. Gír. Coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata: Aquele romance é um abacaxi; “Dois meses depois, ela telefona, em pânico: ‘Vou ser mãe!’ Do outro lado da linha, Sandoval explode: ‘Que abacaxi!’ E, então, começa a evitar a pequena.” (Nélson Rodrigues, 100 Contos Escolhidos. A Vida como Ela É, II, pp. 57-58). 5. Bras. V. galego (4). 6. Bras. PE AL Dançador pesado, desajeitado. (Au, 1999, s.v.)

**Abacaxi** *s.m.* (a1776 cf. JDan) **B 1** ANGIOS planta terrestre (*Ananas comosus*) da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil, de folhas lineares com bordos espinhosos, idênticas às da coroa que encima o fruto, escapo robusto e curto e inflorescência com muitas flores, fruto medindo cerca de 15 cm; abacaxi-branco, abacaxizeiro, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananaseiro, ananás-selvagem, ananás-silvestre, nanaseiro, naná, nanás, pita **1.1** ANGIOS infrutescência carnosa e comestível dessa planta; abacaxi-branco, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananás-selvagem, ananás-silvestre, naná, nanás, pita **2** *p.ext.* ANGIOS design. Comum às plantas de diversas fam. que se assemelham ao abacaxi, seja pelo aspecto da planta ou da infrutescência **3** (sXX) *fig. infm.* trabalho complicado, difícil de ser feito; coisa intrincada; problema **4** *p.ext. fig.* coisa ou pessoa maçante, desagradável **5** *fig. pej.* m.q. **galego** ('português') **6** (1913) *fig. PE AL* pessoa que dança mal, de maneira desajeitada e pesada □ descascar um a. *B infm.* **1** resolver um problema difícil, trabalhoso ou extenuante **2** desvencilhar-se de uma incumbência ou situação desagradável □ ETIM tupi \**iwaka'ti* < *i'wa* 'fruta' + *ka'ti* 'que recende'; ver *iba-* e *-aba* (*in fine*); f.hist. 1899 *abacachi* □ SIN/VAR ver sinonímia de *galego* □ COL abacaxial. (Hou, 2001, s.v.)

**a.ba.ca.xi**<sup>1</sup> *sm* (*aba*<sup>5</sup> + *tupi katí* recedente) **1** Bot Variedade das espécies silvestres do gênero Ananás (*Ananás sativus*). **2** Fruto dessa planta, grande e escamoso, de sulcos simétricos e forma cônica, muito aromático e saboroso. **3** *ant* Alcinha dos portugueses no Rio de Janeiro. **4** Mau dançador, desajeitado, pesadão. **5** *gír* Mil Granada de mão. **6** *gír* Tudo quanto é indesejável, inútil, perigoso, prejudicial etc. *A. -bravo*: o mesmo que *abacaxi-de-tingir*. *A. -de tingir*, Bot: planta bromeliácea, que fornece uma tinta amarela, empregada em tinturaria (*Aechmea tinctoria*); gravatá-branco. *A. -silvestre*, Bot: o mesmo que *abacaxi-de-tingir*. *Descascar abacaxi*, *pop*: resolver problema difícil ou desagradável.

**a.ba.ca.xi**<sup>2</sup> *adj m + f Etnol* Relativo aos Abacaxis, tribo das margens do rio Abacaxis. *S m + f* Indígena dessa tribo. (Mi, 1998, s.v.)

**gomine** (...) Pommade pour les chevaux<sup>10</sup> (PRob, 1993, s.v.)

**parafrástico, ca.** (Del gr. Παραφραστικός) *adj.* [...] 1. Pertencente o relativo a la paráfrasis. || 2. Propio de ella, que la encierra o incluye (DRAE, 2001, s.v.)

<sup>10</sup> Para poder avaliar melhor a impropriedade da definição de *gomine* em PRob (1993, s.v.), cf. a definição de *gomina* para o espanhol em GLDA (1996, s.v.) citada no presente trabalho.

**paqueteria**<sup>1</sup>. (De paquetero) f. Género menudo de comercio que se guarda o vende en paquetes. || (DRAE, 2001, s.v.)

Frente a tal panorama, é possível constatar que esses problemas não se devem única e exclusivamente à ausência de uma “sintaxe da definição” (HERBST; KLOTZ, 2003, p.53-54, para esse conceito), mas parecem refletir também a carência de um modelo de cálculo da informação que permita fornecer ao consulente os dados necessários para uma eficaz compreensão da paráfrase explanatória, assim como uma escassa reflexão sobre o tipo de informação que é fornecida a esse mesmo consulente.

Dito em outros termos, e como já foi mencionado na introdução, uma definição que almeje ser efetivamente elucidativa para o consulente deverá ser o resultado da combinação de três variáveis:

1. uma taxonomia da definição;
2. uma sintaxe da definição;
3. um modelo semântico entendido como heurística para estabelecer quanta informação é necessária na redação de uma paráfrase explanatória.

### **Tipologia de paráfrases explanatórias**

A tipologia proposta aqui atende a dois parâmetros:

1. A perspectiva assumida pelo dicionário em relação ao ato comunicativo.
2. A metalinguagem empregada na própria paráfrase explanatória.

### **Paráfrase explanatória versus perspectiva do ato de comunicação**

Baldinger (1985) já abordava uma questão central para o dicionário ao salientar o duplo “caminho” que o consulente pode querer percorrer no ato de consulta do dicionário. Por um lado, o usuário pode querer conhecer a significação de uma unidade léxica, ou seja, a sua estratégia de busca vai do lema à paráfrase explanatória. Por outro lado, o mesmo consulente pode “saber” a significação de uma unidade léxica e desconhecer o seu significante, ou seja, o usuário iria, hipoteticamente, da paráfrase explanatória para o signo-lemma. Dito em termos mais simples, isso corresponde à complementariedade entre semasiologia e

onomasiologia (ABRAHAM, 1988, s.v. *Semasiologie, Onomasiologie*<sup>11</sup>, também GLÜCK, 2005, s.v.).

Essa distinção básica leva a duas soluções radicalmente diferentes no plano lexicográfico.

## Perspectiva semasiológica

A perspectiva semasiológica fundamenta-se em uma concepção intensional da interpretação semântica do signo linguístico. Isso significa que a paráfrase explanatória almeja representar o “conteúdo de significação” [Bedeutungsinhalt] (BUSSMANN, 2002, s.v. *Intension*), independentemente do mecanismo heurístico (modelo semântico) empregado para tal efeito.

Premissa básica 1: Toda paráfrase explanatória implica sempre um problema de reescrita. “Reescrita” significa glosar o conteúdo de uma unidade léxica.

Premissa básica 2: Toda paráfrase explanatória almeja ser uma equação de equivalência sêmica.

De acordo com isso, pode-se distinguir entre os seguintes tipos de paráfrases explanatórias:

1) Paráfrase explanatória analítica<sup>12</sup>: consiste na reescrita do conteúdo de uma unidade léxica por meio de uma proposição que explicita o mesmo. Exemplo:

**etiología** (Del gr. *αιτιολογια*). 1. *f. Fil.* Estudio sobre las causas de las cosas. 2. *f. Med.* Estudio de las causas de las enfermedades. (DRAE, 2001)

**switch** /sw/ tS/ n & v. • n. **1 a** a device for making and breaking the connection in an electric circuit. (COD, 1995)

**nougat** [nuga] n.m. 1. Confiserie à base d’amendres, de sucre et de miel [...]. (DPF, 1989)

2) Paráfrase explanatória sinonímica<sup>13</sup>: consiste na reescrita do conteúdo de uma unidade léxica por meio da substituição dessa unidade por outra. Exemplo:

---

<sup>11</sup> Ou, como diz Casas Gómez (2002, p.50), entre “semântica intensional” e “semântica extensional”, distinção aplicada no presente trabalho.

<sup>12</sup> Chamada também de “definição lógica” (Schlaefer, 2002, p.97), “definição hiponímica” (Bosque, 1982, p.106) e “definição discursiva” (Greimas, 1986, p.73). Este último opõe a “definição lógica”, considerada exaustiva e unívoca, à “definição discursiva”, considerada livre e aproximativa.

<sup>13</sup> Ver também “Perspectiva onomasiológica” no presente trabalho.

**difusão** *Nf* ★ [Abstrato de ação] [Compl: **de + nome não animado**]  
1 propagação, divulgação. (DUPB, 2002)

**dilaceração** *Nf* ★ [Abstrato de processo] 1 despedaçamento,  
estraçalhamento. (DUPB, 2002)

**paraje** (De *parar*). m. lugar, sitio. (DRAE, 2001)

Neste ponto, segue-se a tendência atual no tratamento do problema. Ulrich (2002, s.v. *Paraphrase*) considera que um mecanismo parafrástico pode funcionar tanto por meio da substituição de um termo por outro (paráfrase explanatória sinonímica), como por meio da reescrita de uma unidade léxica por um conjunto delas (paráfrase explanatória analítica).

No entanto, não há unanimidade em se considerar a paráfrase explanatória sinonímica como um tipo de definição propriamente parafrástica<sup>14</sup>. Por um lado, poder-se-ia objetar que não se fornece uma “explicação” propriamente dita, e sim outra unidade léxica equivalente (sinônimo), de modo que o conteúdo permanece elíptico ao se fornecer uma designação. Ou seja, a sinonímia poderia ser entendida como uma classe de relação onomasiológica (HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *onomasiology*). Há de se levar em conta também a caracterização que Alcaraz Varo e Martinez Linhares (1997, s.v. *definición*) fazem, ao considerar que uma definição “[...] é um discurso [...] metalinguístico caracterizado pela expansão e oposto à denominação<sup>15</sup>, que é uma condensação do mesmo.” Dito em outros termos, a definição sinonímica é evidentemente extensional. Do ponto de vista estritamente formal, Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lexicográfica*) considera a definição por sinonímia uma definição imprópria em razão da não existência de uma reescrita que exprima o conteúdo da unidade léxica (lema). Embora a literatura especializada, como já se comentou, considere qualquer substituição uma paráfrase, a questão está longe de ser um consenso. Às considerações precedentes, acrescenta-se a aguda distinção proposta por Svensén (1993, p.116), que, embora defina uma paráfrase como a “reescrita de uma palavra” [*rewriting of the name*], reserva o nome de “definições verdadeiras” [*true definitions*] para as paráfrases entendidas como glosas propriamente ditas. Em prol da paráfrase explanatória sinonímica, é prudente levar em conta uma observação de Jackson e Amvela (2000), para quem esse tipo de definição permitiria uma melhor explanação do significado das unidades léxicas abstratas. As paráfrases explanatórias analíticas não ofereceriam soluções explanatórias satisfatórias. A esse respeito cabe salientar que não há estudos sobre modelos para a geração de paráfrases explanatórias que permitam corroborar ou refutar essa afirmação.

---

<sup>14</sup> Confira, por exemplo, Hammerl (1991, p.34).

<sup>15</sup> “Denominação” corresponde, neste trabalho, à perspectiva onomasiológica.



## Perspectiva onomasiológica

A perspectiva onomasiológica fundamenta-se em uma concepção extensional da interpretação semântica do signo linguístico. Isto significa que a um determinado conteúdo sêmico atribui-se uma entidade (fonológica) que o designa.

1) Paráfrase explanatória sinonímica<sup>16</sup>. A definição sinonímica pode ser considerada também uma definição extensional se se considera que entre o signo-lema e o sinônimo existe um *tertium comparationis* implícito perante o qual o signo-lema e o sinônimo são duas designações para um mesmo conteúdo. Exemplo: "**groß** nicht adv; intensiv, stark, heftig" (LaTDaF, 2003, s.v.), "**Ap-fel-si-ne** die; -, -n ≈ Orange" (LaTDaF, 2003, s.v).

2) Substituição<sup>17</sup> ostensiva. A substituição ostensiva está ligada ao uso de elementos iconográficos. Nesse tipo de mecanismo de "reescrita", associa-se uma representação iconográfica (uma gravura ou uma fotografia) à designação desse *realia*<sup>18</sup>. Abaixo apresentamos um exemplo de DILE (2003, s.v. *raqueta, rasqueta*):



Figura 2 – Exemplo de definição ostensiva

## Paráfrase explanatória versus metalinguagem empregada

Seco (2003) estabelece uma distinção clara segundo a paráfrase explanatória seja capaz de exprimir ou representar o conteúdo de um signo (a paráfrase expressa o que o signo é), ou a paráfrase expressa como o signo se emprega<sup>19</sup>.

Houve uma tentativa de classificar os signos linguísticos pelo fato de possuírem um significado semântico (um "conteúdo") ou simplesmente

<sup>16</sup> Sobre a possibilidade de considerar a sinonímia uma forma de onomasiologia, ver Casas Gómez (1995).

<sup>17</sup> Também chamada de "definição ostensiva" (Schalefer, 2002, p.82). É óbvio, no entanto, que, em sentido estrito, não se pode falar em "definição" neste caso, mas a designação "paráfrase", empregada ao longo desse trabalho, seria ainda mais aberrante.

<sup>18</sup> Para esse conceito, confira Dubois et al. (1999, s.v. *realia*).

<sup>19</sup> Em função das diferenças que essa distinção traz à tona, Seco (2003) classifica as definições em próprias e impróprias. A nomenclatura empregada, no entanto, é pouco feliz. A impropriedade de algumas definições fundamenta-se na própria natureza do signo linguístico e na sua função, o que depois será comentado.

permitirem estabelecer relações entre uns e outros (seriam signos “sem conteúdo”, ou “relacionais”). Os primeiros foram chamados de “categoremáticos” ou “palavras cheias” (correspondiam aos substantivos, adjetivos e verbos<sup>20</sup>), enquanto os segundos eram chamados de “sincategoremáticos” ou “palavras estruturais” (as demais categorias). No entanto, essa distinção tem-se revelado insustentável, já que há casos dentre essas palavras qualificadas como “estruturais” (tais como alguns advérbios) onde é perfeitamente possível estabelecer um conteúdo. Lutzeier (1985, p.26) postula a anulação absoluta dessa dicotomia, argumentando que não há dois tipos completamente diferenciados de palavras, e sim, uma tendência mais clara a uma significação léxica ou a uma significação gramatical. De fato, a análise de alguns comentários semânticos de preposições ou conjunções<sup>21</sup>, por exemplo, revela que é possível gerar, em alguns casos, paráfrases explanatórias segundo a distinção feita ao longo desse trabalho.

Por outro lado, é certo também que há unidades léxicas que não se deixam parafrasear segundo esses mesmos princípios. É justamente esse fator que torna a distinção feita por Seco (2003) extremamente prática, se consideramos o “sistema de instruções” que a paráfrase explanatória implica.

Assim, distingue-se entre “metalinguagem do conteúdo” e “metalinguagem do signo”. A não observância dessa distinção e sua representação obscura no verbete levam à confusão e à perda de informação relevante, como já foi constatado no CCLD (2003) (MEDEROS, 1994, p.103).

1) Paráfrase por metalinguagem do conteúdo. Paráfrase explanatória de tipo intensional. Isso significa que a reescrita do signo-lema almeja descrever o “conteúdo da significação” do signo. Exemplo: “**licitazione** [...] s.f. **1**. Offerta di prezzo in una pubblica asta”. (VLI, 1995, s.v.), “**gomina** sustancia que se usa como fijador del cabello” (GDLA, 1996, s.v.).

2) Paráfrase por metalinguagem do signo<sup>22</sup>. Paráfrase que instrui o usuário sobre como usar, onde aplicar ou que restrições de emprego uma unidade léxica tem. Essas precisões permitem estabelecer a seguinte subclassificação:

2.1) Paráfrase por indicação de uso. Nesse tipo de paráfrase, são fornecidas instruções que permitem saber as particularidades da função de um signo ou as suas condições de uso em relação a outros signos. Exemplo:

---

<sup>20</sup> Segundo Rey-Debove (1967), por exemplo, alguns advérbios também corresponderiam a essa categoria.

<sup>21</sup> Cf. *ya* em DRAE (2001, s.v., acs. 1 e 2).

<sup>22</sup> Corresponde à “definição por função” e à “definição por metalinguagem” propostas por Schlaefer (2002, p.98). Rey-Debove (1967, p.155) chama esse tipo de definição de “relacional” [*relationnelle*].

**podenquero**. 1. m. Entre cazadores, hombre que cuida o tiene a su cargo los podencos (DRAE, 2001).

**repeloso, sa**. 1. adj. Dicho de la madera: Que al labrarla levanta pelos o repelo. (DRAE, 2001, grifo nosso).

2.2) Paráfrase por metalinguagem do signo extensional. A paráfrase assinala as unidades extralinguísticas às quais o signo-lema se aplica. Exemplo:

**Sweets** are small sweet things such as toffees, chocolates, and mints (CCLD, 2003, s.v. *sweet*, ac. 2).

**paquidermo** (Del gr. *Παύς*, grueso, y *-dermo*). Adj. *Zool.* Se dice de los mamíferos artiodáctilos, omnívoros o herbívoros, de piel muy gruesa; p. ej., el jabalí y el hipopótamo. (DRAE, 2001).

Na opinião de Svensén (1993, p.123), esse tipo de definição “[...] acontece às vezes [sc. nos dicionários gerais], sendo mais frequente nos dicionários terminológicos e técnicos.” No entanto, a sua presença é muito maior do que parece, não somente porque é consubstancial a algumas classes de palavras (as interjeições e o artigo<sup>23</sup>, por exemplo), mas também a muitas unidades nominais. O exemplo de *cobra* é um entre muitos outros. A distinção proposta por Demonte (1999) entre classificar os adjetivos qualificativos (os que comportam uma única qualidade) e relacionais (os que denotam um complexo de qualidades), tais como médico, são um exemplo de um viés extensional profusamente empregado pela própria língua. Coseriu (1991) também comenta a esse respeito que parte do léxico da língua contém amplos conjuntos de unidades léxicas que são unicamente designativas. É fundamental enfatizar que o tipo de extensionalidade tratado aqui não corresponde conceitualmente de forma total ao conceito de extensionalidade proposto pela semântica prototípica<sup>24</sup>, sobretudo, nas suas consequências para o *pattern* sintático das paráfrases explanatórias.

## Outros tipos de paráfrases

A literatura especializada (BOSQUE, 1982; SCHLAEFER, 2002) oferece uma relação bastante extensa e heterogênea de tipos de definições que não são possíveis de classificar segundo os critérios expostos nesse trabalho. No entanto, esses procedimentos parafrásticos são empregados de forma mais ou menos recorrente nos dicionários. Em alguns casos, tais como a “paráfrase explanatória antonímica”, dita opção parece obedecer à dificuldade que significa definir uma entidade que apresenta uma relação de contraste sêmico equipolente.

<sup>23</sup> Para uma visão do artigo como sistema de instruções, ver Bugueño Miranda (2003).

<sup>24</sup> Confira, por exemplo, Geeraerts (2001, p.13).

Na medida em que as teorias semânticas ofereçam subsídios maiores para entender muitos fenômenos da linguagem (como o já citado caso da antonímia ou as relações meronímicas), será possível, talvez, enquadrar esses fenômenos dentro de parâmetros de classificação melhor articulados. Citam-se a seguir alguns tipos:

1) Paráfrase meronímica<sup>25</sup>. Estabelece uma relação entre uma parte e o todo. Esse tipo de definição viola a segunda premissa básica da classificação aqui proposta. Segundo Svensén (1993, p.124), esse tipo de paráfrase faria parte das definições extensionais. Uma percepção tão oposta na classificação deve-se a um problema de perspectiva. De fato, muitas meronímias são metonímias<sup>26</sup>. Uma nova metonímia, evidentemente, é uma nova designação para um conteúdo já existente. No entanto, deve-se considerar também até que ponto essa nova associação é sentida como metonímica, ou já como um signo totalmente autônomo de qualquer motivação<sup>27</sup>. Exemplo:

**finger** /fɪŋɡe/ (**fingers, fingering, fingered**) **1** Your **fingers** are the four long thin parts at the end of each hand. (CCLD, 2003).

**pluma** .(Del lat. pluma).1. f. Cada una de las piezas de que está cubierto el cuerpo de las aves. Consta de un tubo o cañón inserto en la piel y de un astil guarnecido de barbillas.2. f. Conjunto de plumas. Un colchón de pluma.3. f. pluma de ave que, cortada convenientemente en la extremidad del cañón, servía para escribir.4. f. Instrumento de metal, semejante al pico de la pluma de ave cortada para escribir, que sirve para el mismo efecto colocado en un mango de madera, hueso u otra materia.5. f. pluma estilográfica.6. f. Instrumento con que se escribe, en forma de pluma.7. f. Habilidad o destreza caligráfica.8. f. Escritor, autor de libros u otros escritos. Miguel es la mejor pluma de su tiempo.9. f. Estilo o manera de escribir. Tal obra se escribió con pluma elocuente, hábil, torpe, benévola, mordaz.10. f. Profesión o ministerio del escritor. José mancha o vende su pluma.11. f. pluma preparada para servir de adorno.12. f. Adorno hecho de plumas.13. f. pluma artificial hecha a imitación de la verdadera.14. f. Cada una de las virutas que se sacan al tornear.15. f. Mástil de una grúa.16. f. coloq. Ventosidad, pedo.17. f. coloq. Afeminamiento en el habla o los gestos de un varón. Está muy claro que tiene pluma.18. f. Col., E Cuba, Pan. y P. Rico. grifo (|| llave para regular el paso de los líquidos).19. f. El Salv. y Méx. Barrera que se coloca en lugares públicos para que los vehículos pasen de uno en uno y sea más fácil su control.20. f. coloq. El Salv. calumnia (|| acusación falsa).21. f. germ. Remo de bogar o remar. (DRAE, 2001).

---

<sup>25</sup> Bosque (1982, p.107) chama esse tipo de definição de “metonímica”.

<sup>26</sup> Confira, por exemplo, Bosque (1982).

<sup>27</sup> Um bom exemplo é o empréstimo *mouse*, “dispositivo que permite mover o cursor na tela do computador”.

2) Paráfrase explanatória antonímica. Estabelece uma relação de oposição semântica<sup>28</sup> com respeito à unidade léxica definida<sup>29</sup>. Exemplo: “**insalubre** adj. que no es salubre” (DLC, 1994, s.v.).

3) Paráfrase explanatória serial. Estabelece uma relação entre uma unidade e outras para conformar com elas uma série da qual é um membro. Exemplo: “**martes** segundo día de la semana entre el lunes y el miércoles” (DSLE, 1996, s.v.).

4) Paráfrase explanatória mista<sup>30</sup>. Estabelece uma relação entre o sistema semiótico da linguagem e outros sistemas semióticos (por exemplo, os números ou as letras). Exemplo: “**y<sup>2</sup> sm** segunda incógnita” (Mi, 1998, s.v.).

5) Paráfrase explanatória estipulativa. Esse tipo de paráfrase almeja estabelecer um consenso normativo em relação ao emprego de uma unidade léxica. Exemplo:

**álgido,-a** (*medicina*) Acompañado de frío intenso en el cuerpo: ‘Fiebre álgida. Período álgido’. (Como esto suele ocurrir en el período agudo de una enfermedad, la palabra ha pasado a emplearse impropriamente en el lenguaje vulgar, incluso de los médicos, como equivalente de «culminante» o «máximo» aplicada a cualquier clase de circunstancias, incluso a las que implican excitación o acaloramiento. (DUE, 1990).

6) Paráfrase explanatória operacional. Nesse tipo de definição, não existe representação do conteúdo da unidade léxica, mas são oferecidas regras para o emprego “situacional” da entidade denotada pelo signo linguístico<sup>31</sup>. Exemplo: “**finesse** /fines/ If you do something with **finesse**, you do it with great skill and style” (CCLD, 2003, s.v.).

7) Paráfrase explanatória taxonômica. Na definição taxonômica, oferece-se no lado direito da equação semântica a designação da unidade léxica lematizada de acordo com uma classificação terminológica. Segundo Thumb (2004, p.27), nesse tipo de paráfrase explanatória, oferece-se junto à classificação terminológica, uma descrição física do referente. Essa relação está mais unida à natureza da entidade

---

<sup>28</sup> Em Schlaefer (2002, p.89), menciona-se a possibilidade de empregar antônimos propriamente ditos. Nesse caso concreto, não se poderia falar, seguindo a proposta de Zófgén (1994), de uma técnica explanatória em rigor, já que não aconteceria o princípio da equação sêmica (premissa básica 1). No entanto, não foi possível documentar essa opção lexicográfica, chamada por Rey-Debove (1967, p.153) de “definição substancial negativa” [*définition substantielle négative*].

<sup>29</sup> Sobre a complexidade das relações antonímicas, confira Schifko (1992).

<sup>30</sup> Knobloch (1986, s.v. *Definition*) chama esse tipo de definição de “simbólica”.

<sup>31</sup> Constata-se, nas obras de referência, uma disparidade conceitual sobre esse tipo de definição. A definição de “definição operacional” fornecida por Knobloch (1986, s.v.) não tem relação com a proposta por Bußmann (2002, s.v.), por exemplo.

léxica definida do que a uma decisão metodológica. Exemplo: “**higo** (...) **3.** *Higo mata* (*Ficus pedifolia*)” (DEUM, 1996, s.v.).

8) Paráfrase explanatória morfossemântica. É uma paráfrase decomposicional. Apresenta os seguintes subtipos:

8.1.) Paráfrase morfossemântica etimológica. A paráfrase explicita a condição derivacional do signo-lema em relação a um elemento primitivo. Exemplo: “**mirtino, na.** (Del lat. *myrtinus*, y este del gr. μύρτινος). **1.** adj. De mirto.” (DRAE, 2001, s.v.).

8.2.) Paráfrase por derivação morfossemântica decomposicional. A paráfrase explanatória segmenta um composto nas suas formas primitivas. Exemplo: “**Begriffsumfang**, der: Weite, Umfang eines Begriffs” ( DGWdS, 1976, s.v.).

Para o caso específico do alemão, Hammerl (1991, p.25-26) chama a atenção para o fato de se estabelecer uma distinção entre compostos “exocêntricos” e compostos “endocêntricos”. No primeiro caso, uma reescrita parafrástica é necessária, já que a significação não pode ser obtida pela simples decomposição, como, por exemplo, em *Milchmann*. No segundo tipo isso é possível.

## Conclusões

A taxonomia proposta demonstra que é possível ter parâmetros teórico-metodológicos que orientem a redação das paráfrases explanatórias segundo o que se almeje apresentar como informação na equação com o signo-lema. No entanto, revela também que há tipos de paráfrases explanatórias (algumas muito empregadas nos dicionários) que não são passíveis de serem enquadradas nos parâmetros propostos. Isso leva a se questionar se esses tipos de paráfrase são, necessariamente, produto de uma falta de sistematicidade na sua redação ou se constituem um sinal da natureza ainda mais complexa do signo linguístico, para a qual a literatura especializada sobre semântica e lexicologia ainda não oferece modelos de interpretação.

BUGUEÑO MIRANDA, F. A taxonomy of explanatory paraphrases. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.243-260, 2009.

- **ABSTRACT:** *The definition of words is the primary type of information searched for in a dictionary. Given the complex variety of information included in the headword, the nature of the lexicographic definition is discussed and it is claimed that the term “definition” should be substituted for the term “explanatory paraphrase”. Our goal is to establish an exploratory taxonomy of explanatory paraphrase. The following basic parameters are employed so as to obtain this taxonomy: (a) the communicative act perspective (decoding x encoding language), and (b) the explanatory paraphrase metalanguage. In addition to these two types of explanatory paraphrase, it is also offered other types of paraphrases commonly found in dictionaries.*

- **KEYWORDS:** *Definition. Paraphrase. Metalanguage.*

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, W. *Terminologie der neueren Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer, 1988.
- ALBRECHT, J. Fünf Thesen zur Kognitiven Semantik. In: HOINKES, U; DIETRICH, W. (Hrsgn.). *Kaleidoskop der lexikalischen Semantik*. Tübingen: Narr, 1997. p.19-39.
- ALCARAZ VARO, E., MARTÍNEZ LINARES, M. A. *Diccionario de lingüística moderna*. Barcelona: Ariel, 1997.
- BALDINGER, K. Alphabetisches oder egrifflich gegliedertes Wörterbuch? In: ZGUSTA, L. (Hrsg.). *Probleme des Wörterbuchs*. Darmstadt: WBG, 1985. p.40-57.
- \_\_\_\_\_. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna*. 2.ed. Madrid: Alcalá, 1977.
- BENEDUZI, R.; BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. Avanços na redação de um dicionário de falsos amigos. *Lusorama*, Frankfurt am Main, n.61/62, p.195-219, 2005.
- BOSQUE, I. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. *Verba*, Santiago de Compostela, n.9, p.105-123, 1982.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. Consideraciones para un nuevo diccionario de falsos amigos español portugués. *Polifonia*, Cuiabá, n.6, p.103-127, 2003.
- BUßMANN, H. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. 2.ed. Stuttgart: Kröner, 2002.
- CASAS GÓMEZ, M. *Los niveles del significar*. Cádiz: Servicio de publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2002.
- \_\_\_\_\_. Implicaciones léxicas de los niveles de significar. In: HOINKES, U. (Hrsg.). *Panorama der lexikalischen Semantik*. Thematische Festschrift aus Anlaß des 60: Geburtstags von Horst Geckeler. Tübingen: Narr, 1995. p.101-112.
- COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1991.
- DEMONTE, V. El adjetivo: clases y usos: la posición del adjetivo en el sintagma nominal. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p.129-217.
- DUBOIS, J. et al. *Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*. 3.ed. Paris: Larousse, 1999.
- GEERAERTS, D. Meaning and definition. In: VAN STERKENBURG, P. (Ed.). *A*

- practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.83-93.
- \_\_\_\_\_. The definitional practice of dictionaries and the cognitive semantic conception of polysemy. *Lexicographica*, Tübingen, n.17, p.6-21, 2001.
- GLÜCK, H. (Hrsg.). *Metzler Lexikon Sprache*. Stuttgart: Metzler, 2005.
- GREIMAS, A. *Sémantique structurale: recherche de méthode*. Paris: PUF, 1986.
- HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía practica*. Madrid: Gredos, 1982.
- HAMMERL, R. Methodologische und methodische Probleme der Erstellung von Definitionsfolgen und Lexemnetzen. In: SAMBOR, J.; HAMMERL, R. (Ed.). *Definitionsfolgen und Lexemnetze*. Lüdenscheidt: RAM, 1991. p.13-37.
- HARTMANN, R. R. K. *Teaching and Resarching Lexicography*. London: Longman, 2001.
- HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. 2.ed. London: Routledge, 2001.
- HERBST, T.; KLOTZ, M. *Lexikographie*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2003.
- JACKSON, H. *Lexicography: an introduction*. London: Routledge, 2002.
- JACKSON, H.; AMVELA, E. Z. *Words, meaning and vocabulary: an introduction to modern english lexicology*. London: Casell, 2000.
- KNOBLOCH, J. (Hrsg.). *Sprachwissenschaftliches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter, 1986.
- LEWANDOWSKI, T. *Linguistisches Wörterbuch*. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1979.
- LUTZEIER, P. R. *Linguistische Semantik*. Stuttgart: Metzler, 1985.
- MARTÍN-MINGORANCE, L. La lexicografía onomasiológica. In: HERNÁNDEZ, H. *Aspectos de lexicografía contemporánea*. Barcelona: Bibliograf, 1994. p.15-28.
- MARTÍNEZ DE SOUZA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.
- MEDEROS, H. A propósito de la definición lexicográfica. In: HERNÁNDEZ, H. *Aspectos de lexicografía contemporánea*. Barcelona: Bibliograf, 1994. p.95-106.
- REY-DEBOVE, J. La définition lexicographique: bases d'une typologie formelle. *Travaux de Linguistique et Littérature*, Strassbourg, v.1, n.5, p.141-159, 1967.
- SECO, M. *Estudios de lexicografía española*. 2.ed. Madrid: Gredos, 2003.



SCHIFKO, P. Spanisch: Lexikologie und Semantik. In: HOLTUS, G.; MERZERLT, M.; SCHIMMIT, C. (Hrsg.). *Lexikon der romanistischen Linguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1992. p. 132-148.

SCHLAEFER, M. *Lexikologie und Lexikographie*. Berlin: Erich Schmidt, 2002.

SVENSEN, B. *Practical lexicography: principles and methods of dictionary-making*. Oxford: Oxford University, 1993.

THUMB, J. *Dictionary look-up strategies and the bilingualised learner's dictionary*. Tübingen: Niemeyer, 2004.

ULRICH, W. *Wörterbuch linguistischer Begriffe*. 5.ed. Stuttgart: Gebrüder Bomtraeger, 2002.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

WIEGAND, H. E. Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires: Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989a. v.1, p.409-462.

\_\_\_\_\_. Die lexikographische Definition im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.) *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires: Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989b. v.1, p.530-588.

ZÖFGEN, E. *Lernwörterbücher in theorie und praxis*. Tübingen: Niemeyer, 1994.

## REFERÊNCIAS LEXICOGRAFICAS

[Au]. FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

[CCLD]. COLLINS Cobuild Advanced Learner's Dictionary. Glasgow: HarperCollins, 2003.

[CcLD]. COLLINS Cobuild learner's dictionary. Concise edition. Glasgow: HarperCollins, 2003.

[COD]. THE CONCISE Oxford dictionary. Oxford: OUP, 1995.

[DEUM]. LARA, L. F. (Dir.). *Diccionario del español usual en México*. Cidade do México: El Colegio de México, 1996.

[DGWdS]. *DUDEN* Grosses Wörterbuch der deutschen Sprache. Mannheim:

Bibliographisches Institut, 1976.

[DILE]. DICCIONARIO ilustrado de la lengua española. Santiago de Chile: Zig-Zag, 2003.

[DLC]. OROZ, R. *Diccionario de la lengua castellana*. Santiago: Universitaria, 1994.

[DPF]. DICTIONNAIRE pratique du français. Berlin: Langenscheidt; Hachette, 1989.

[DRAE]. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (Madrid). *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid: Espasa-Calpe, 2001.

[DSLE]. GUTIÉRREZ CUADRADO, J. *Diccionario Salamanca de la lengua española*. Madrid: Santillana, 1996.

[DUE]. MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 1990.

[DUPB]. BORBA, F. da S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

[GDLA]. GRAN diccionario de la lengua española. Barcelona: Larousse Planeta, 1996

[Hou]. HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva: Rio de Janeiro, 2001.

[LaTDaF]. LANGENSCHIEDT Taschenwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. Berlin: Langenscheidt, 2003.

[Mi] MICHAELIS, H. *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

[PRob]. ROBERT, P. (Dir.). *Le Petit Robert: dictionnaire de la langue française*. Paris: Édition Le Robert, 1993.

[VLI]. ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1995.

Recebido em setembro de 2008.

Aprovado em novembro de 2008.